

6

Conclusão

Tendo demonstrado o entendimento do senso comum das palavras ceticismo e cético, e sem desconsiderar este entendimento completamente, nosso objetivo inicial foi tratar o significado original do ceticismo. Para tal foi necessário enveredarmo-nos pela instigante história do ceticismo.

Começamos pela Antiguidade e demonstramos que antes de haver escolas céticas já havia concepções e argumentos céticos que poderiam ser identificados não só em doutrinas filosóficas, mas também em máximas dos Sete Sábios e frases de tragediógrafos.

Além disso, há filósofos que podem ser considerados proto-céticos e que influenciariam a elaboração de argumentos das escolas céticas, notadamente os argumentos que conjecturavam haver uma submissão do conhecimento ao sujeito cognoscente e às circunstâncias em que este se encontra.

Passamos em seguida à controversa vida de Pirro, a quem se atribui a fundação do ceticismo. Pirro foi um pensador proeminente no Helenismo e sua vida influenciou vários filósofos do período e além dele. A Pirro supostamente cabe a submissão da abordagem antitética quanto a toda filosofia a uma meta de vida definida negativamente. Esta meta de vida, a imperturbabilidade (*ataraxia*) é por sua vez ligada à cessação de todo discurso (*aphasia*) e de toda atividade (*apraxia*).

Apesar de nada ter escrito, Pirro foi acompanhado por discípulos que se preocuparam em passar a diante a filosofia do mestre, a estes cabem os primeiros escritos sobre Pirro. Estes discípulos por sua vez se dividiram em quatro grupos, céticos, eféticos, aporéticos e zetéticos. Alguns chegando inclusive a influenciar a Academia que, na fase Média, entra em fase cética. Os argumentos do ceticismo Acadêmico ganham cada vez mais terreno no combate à filosofia da Stoa, e quando a própria Academia entra em fase “estoicizante”, com Philo, Enesidemo é quem definitivamente reivindicará um novo e mais radical ceticismo em que Pirro se

tornará o herói fundador detentor de uma vida vivida de modo a ser imitada, a este novo ceticismo se chamará Pirronismo.

Enesidemo elaborou modos pelos quais demonstra-se que para toda e qualquer crença pode haver uma conflitante, estes modos, associados aos modos mais formais de Agripa, aparecerão mais tarde reunidos e compilados na obra de Sexto Empírico, a quem caberá, finalmente, a missão de sistematizar praticamente cinco séculos de reflexões cétricas. Com Sexto o ceticismo se lançará em sua tarefa terapêutica de cura dos dogmatismos.

De Sexto nos chegaram os mais importantes textos sobre o ceticismo Antigo, neles há a definição de uma metodologia suspensiva elaborada sob a forma de um esquema cético em que primeiro investiga-se, depois se percebe que quanto ao objeto investigado há diferentes e discrepantes opiniões, estas, por sua vez, têm igual força lógica, diante disso não haverá como decidir entre uma e outra. Só resta a suspensão do juízo, ou retenção do assentimento, à suspensão se segue a imperturbabilidade, por casualidade, como a sombra segue o objeto que a projeta. Por sua vez, a imperturbabilidade é definida como uma situação em que o sujeito vive sem crenças e também não constrói asserções.

Mas como é possível viver sem crenças? Se para agir precisamos crer minimamente em algo, então o ceticismo, ao pretender uma vida sem crenças, pretenderia uma vida que não poderia, na prática, ser vivida. E caso o cético aja ele estaria se refutando, porque sua ação demonstraria que ele tem crenças.

E como é possível viver sem construir asserções? É difícil concordar com a idéia de que viver excluído da comunidade dos falantes e do gozo de uma das mais importantes faculdades da razão é bem viver. E mesmo que fosse bom, o cético se refutaria ao pretender falar sobre a sua doutrina, por exemplo.

Assim, nossa tarefa inicial que era a de descobrir o significado filosófico do ceticismo nos conduziu a um problema: o problema da *apaxia*, que não se restringirá somente ao ceticismo na Antigüidade, mas será tradicionalmente a arma pela qual o ceticismo será combatido, notoriamente aparecendo em Hume, para quem o ceticismo seria uma objeção à vida prática que conduziria a um estado vegetativo aberrante e que contrariaria a própria natureza. Para Hume se agimos é porque temos crenças,

sem elas mergulharíamos na mais obscura inatividade. Nossa tarefa de agora em diante será então descortinar a origem da crítica da *apraxia*, bem como as origens das respostas a esta crítica, assim poderemos descobrir como os cétricos Antigos se adiantaram à crítica de Hume.

A primeira formulação categórica da crítica da *apraxia* aparece no debate Academia X Stoa, embora haja já na época de Pirro anedotas que satirizam a vida vivida por este, serão os Estóicos quem de fato farão uma ataque mais sistemático à *epoché*, alegando que o cétrico, após suspender o juízo, nunca será capaz de decidir o que fazer, e que o cétrico nem mesmo será capaz de agir.

A interpretação Acadêmica da doutrina genuinamente Estóica (COUSSIN) da suspensão do juízo, faz incidir a suspensão sobre todas as apresentações já que para Arcesilao não haveria apresentações seguras, nem mesmo as *kataleptikai phantasias* que são o critério e parâmetro do assentimento do sábio Estóico. Arcesilao, inicialmente em uma argumentação *ad hominem* (STRIKER) contra os Estóicos, apropria-se da suspensão e aplica-a a todas as apresentações, não somente às *akataléptikai*, e redonda da suspensão uma maneira mais plausível de agir ante a incerteza gerada pelos diferentes fenômenos em diferentes circunstâncias, eis a primeira formulação de um critério cétrico para ação ante a incerteza: o razoável (*eulogon*)

Carnéades, contudo, começará a dar uma roupagem mais positiva (e dogmática) ao razoável de Arcesilao, em suas mãos *to eulogon* será substituído por *to pithanon*, o ceticismo de Carnéades será a adesão ao mais provável. Philo será quem interpretará o provável, em uma leitura que aproxima a filosofia da Academia da Estóica, como um critério fortemente positivo que será considerado pelos Pirrônicos sob Enesidemo, um critério fortemente dogmático.

Sexto Empírico, séculos depois da querela de Enesidemo, ainda considera os Acadêmicos dogmáticos, mas apropria-se de elementos da formulação de Arcesilao cujo único fragmento é *M VII 158*. Assim, se para Arcesilao à *akatalepsia*, que agora é total por que nada é claro e evidente, segue a suspensão do juízo, que gera um cálculo decisório de acordo com o mais razoável, e que por sua vez é a via da ação correta que é a própria sabedoria e que faz os homens felizes, nas mãos de Sexto a

seqüência será: *diaphonia*, diante da qual só há uma possibilidade, suspender o juízo, que por sua vez é inevitavelmente seguida pela imperturbabilidade, que gera um cálculo decisório em que o cético age segundo as aparências.

Se o cético age então segundo as aparências (de acordo com a maneira como os fenômenos interagem com ele) então ele age. O cético não mais está inativo e tem um critério para ação que redundará, por sua vez, em quatro pilares: a natureza como guia, a coerção das paixões, a vivência cívica na cidade e o exercício de algum ofício.

Em seguida propomos uma problematização um pouco maior em torno da noção de suspensão do juízo, analisamos fragmentos e trechos de Sexto em que chegamos à interpretação de que o cético suspende o juízo quanto a todo juízo assertórico que pretenda ter valor de verdade, seja no âmbito das discussões teóricas, seja no âmbito do discurso comum.

Nosso desafio cresceu então, agora, se a suspensão é radical, nos moldes propostos por Burnyeat, então o cético não é um insulado, a vida comum não está isolada do questionamento Pirrônico.

Para elucidarmos esta questão nos ativemos ao uso cético da linguagem, nossa expectativa era que talvez pudéssemos, ao vermos como Sexto livra-se da crítica da *apraxia* no âmbito da prática discursiva, vermos também como ele interpreta a própria vivência do cético, assim possivelmente encontraríamos elementos para refutar tanto o argumento de que o cético se refuta ao construir um proferimento, quanto o que alega que o cético é dogmático ao prescrever uma terapia, bem como também os argumentos que surgem diante das duas possíveis interpretações da suspensão cética: o cético suspende somente diante de doutrinas conflitantes (BARNES e FREDE), assim a ação do Pirronismo é restrita ao âmbito teórico ou, o cético suspende também sobre o discurso comum (BURNYEAT), não haveria insulamento em Sexto e a própria “vida comum” estaria em xeque.

Ao analisarmos então a questão do uso cético da linguagem vimos que o cético suspende o juízo sobre todas os proferimentos assertóricos que se comprometem com a afirmação ou negação categórica da verdade de algo, ao cético resta porém um outro uso da linguagem que narra como os *pathoi* o afetam, o cético adere à impressão causada pelos fenômenos no âmbito da ação em geral, inclusive da

ação discursiva, ele não abre mão, então, do *lógos*, ele não livra-se da faculdade de exprimir-se, ele não exclui-se da comunidade dos falantes, ele livra-se da pretensão e da precipitação de afirmar ou negar a verdade, patologias dogmáticas.

Assim, se ele não se livra do discurso de um modo geral, qual estatuto ocupa o proferimento cético? Como devemos interpretar o próprio receituário cético feito por Sexto Empírico?

O proferimento cético como um todo, inclusive as fórmulas céticas devem ser entendidas, assim nos adverte Sexto, como se houvesse antes delas um “operador fenomênico” que, mesmo implícito, serve para demonstrar a passividade do homem ante os fenômenos, a coerção forte que a natureza faz. Assim, se o proferimento revela um *pathos*, se as fórmulas céticas são nada além de expressões de *pathoi*, o próprio receituário cético será *pathos*, o ceticismo será uma terapia que se comporta como uma patologia, o ceticismo é um laxante da razão que livra o homem de toda a pretensão de verdade, e que expele-se a si mesmo ao fim da terapia. O cético se torna um homem comum.

Com esta interpretação pretendemos articular a argumentação de Michael Frede e Jonathan Barnes que defendem que o cético suspende o juízo somente quanto a questões teóricas, e fazem a terapia cética restringir-se à assunções científicas, gerando uma vida de imperturbabilidade onde o cético livra-se dos proferimentos assertóricos e se torna um homem comum, com a interpretação alternativa de Burnyeat de que o cético suspende o juízo sobre toda a pretensão de verdade. Assim, preusemos uma interpretação média entre as duas posições expressas acima em que o cético suspende radicalmente o juízo sobre toda a pretensão de verdade, mas mesmo assim retorna à vida comum por que resta ainda a ele, mesmo que (felizmente) desprovido da faculdade da razão e discurso que são fortemente assertóricos, uma outra faculdade da razão e discurso em que estes dois elementos estão unidos: a razão discursiva.

O cético isola-se então definitivamente na vida comum, e não provisoriamente como alguém que teóricamente questiona o tempo e que, também provisoriamente, cumpre os prazos que lhe são impostos na vida comum, visão esta de insulamento que só há na Modernidade.

O cético se torna um rústico.